



CORPO COMO TERRITÓRIO DA MULHER, VIOLÊNCIA E MUTILAÇÃO COMO RESQUÍCIOS DE VIOLÊNCIA

Renata Dias Dutra¹

RESUMO

O presente artigo discute o corpo como território da mulher, violência e mutilação, tendo como foco o crescimento da violência doméstica no período da pandemia de covid-19 nos anos de 2020 e 2021, bem como a forma que a mulher passa a se portar ao ser agredida de forma gravíssima. A discussão acerca da posse da mulher em relação a seu próprio corpo se faz necessária, numa perspectiva pontyana, não existe separação entre corpo e subjetivo, desta forma ambos se comunicam e são responsáveis pela construção do mundo pessoal de cada mulher, como esta se insere em sua vida social e emocional.

Palavras-chave: mulher, corpo, posse, violência, mutilação.

ABSTRACT

This article discusses the body as a woman's territory, violence and mutilation, focusing on the growth of domestic violence during the covid-19 pandemic period in 2020 and 2021, as well as the way in which women behave in to be attacked in a very serious way. The discussion about the woman's possession in relation to her own body is necessary, in a Pontian perspective, there is no separation between the body and the subjective, in this way both communicate and are responsible for the construction of each woman's personal world, how this fits into your social and emotional life.

Keywords: woman, body, possession, violence, mutilation.

INTRODUÇÃO

A mulher e o corpo feminino há muito têm sido tratados como objetos de posse, numa hierarquia onde seus parceiros e homens ligados a suas vidas investem sobre o domínio da corporeidade.

Apesar dos vários movimentos feministas e enfrentamentos das mulheres na busca por ganho de espaço na sociedade, principalmente desde o final do século XIX, ainda existem nos dias de hoje numerosos casos de mulheres vítimas de violências domésticas, as quais podem ocasionar numerosos danos às mulheres, dentre eles os de

¹ Doutoranda em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, renatadiasdutra28@gmail.com



cunho permanente, tornando-as pessoas com deficiência física e tornando-as literalmente estigmatizadas pelas cicatrizes permanentes em seus corpos. Isso se dá, pois, existe ainda no Brasil e no mundo uma cultura ligada ao patriarcado, além da herança patriarcal nos deparamos com as discussões que aqui adotaremos a cerca de que o corpo não é somente um objeto e tão pouco se reduz a consciência, este é também como nos manifestamos no mundo e como podemos habita-lo. Para Ponty (1999), não existe uma separação entre corpo e mente e portanto eles estão ligados na forma como a pessoa se representará no mundo e em suas relações.

A família patriarcal do passado era a detentora dos principais bens de capital e tinha privilégio de ter acesso à cultura intelectualizada. De acordo com Costa e Mello (1999), a família patriarcal, que, seguindo a tradição dos portugueses, instalou-se no Brasil, no século XVI, era um verdadeiro clã, incluindo a esposa, as concubinas, em alguns casos os filhos, os parentes, os padrinhos, os afilhados, os amigos e os escravos.

Segundo Alves e Pitanguy (1991), até meados do século XIX, a vida da mulher era administrada conforme os interesses masculinos, sendo envolta em uma aura de castidade e de resignação, pois devia procriar e obedecer às ordens do pai ou do marido. Por conta de lutas e de reivindicações de igualdade de direitos com relação ao gênero masculino, por exemplo, com o movimento feminista, a mulher tem conquistado seu espaço na sociedade, obteve o direito de votar, de trabalhar fora do lar, ainda que haja defasagem salarial em boa parte dos empregos em que mulheres e homens ocupam a mesma tarefa. Mas as concepções acerca da subjetividade e do corpo feminino também acompanharam as modificações políticas, econômicas, históricas e socioculturais. Pois em períodos não distantes, antes da regularização dos direitos conquistados pelas mulheres e citado acima, as mulheres tinham (e em muitos casos mesmo nos dias de hoje ainda tem), suas funções voltadas prioritariamente, para a reprodução e ação familiar, sendo intensamente submetidas ao poder masculino, não tendo inteiro domínio sobre seus próprios corpos e como representa-los em suas vidas e no mundo, não relacionando seus corpos e suas próprias consciências.

A lógica de Merleau-Ponty, aponta a consciência não de forma reduzida ao estudo de estados mentais, mas entende o corpo como uma revelação da consciência incorporada à consciência, que agem mutuamente na relação com o mundo o qual afeta o sujeito encarnado.



Desta forma, a percepção se relaciona a atitude corpórea, essa nova compreensão de sensação modifica a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, fundado no empirismo e no intelectualismo, cuja descrição da percepção ocorre por meio da causalidade linear estímulo/resposta.

Nobrega (2008), atenta-se para a concepção fenomenológica da percepção, a apreensão do sentido ou dos sentidos, onde estes se fazem pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares por sobre o mundo.

A teoria da percepção em Merleau-Ponty (1945/1994) também se refere ao campo da subjetividade e da historicidade, ao mundo dos objetos culturais, das relações sociais, do diálogo, das tensões, das contradições e do amor como amálgama das experiências afetivas. Sob o sujeito encarnado, correlacionamos o corpo, o tempo, o outro, a afetividade, o mundo da cultura e das relações sociais.

JUSTIFICATIVA

Pensando nas modificações históricas, sociais e culturais e na territorialização do corpo, a presente pesquisa pretende tratar da ainda presente violência contra mulher e o crescimento desse crime nos últimos anos, o feminicídio e a mutilação do corpo feminino com a possibilidade de tornar mulheres concebidas como “normais” em mulheres com deficiência física ou cognitiva. Partindo de um pressuposto de construção machista de violência e dominação, bem como de aceitabilidade e dependência emotiva por parte da mulher.s

Com a exposição acerca do fato de período de isolamento social, em decorrência da pandemia de covid-19, agravou os quadros de violência contra mulheres, nos anos de 2020 e 2021.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Discutir a problemática da deficiência e mutilação em mulheres que sofreram agressões físicas, tornando-as assim em pessoas com deficiência.



Objetivos específicos

- Analisar o aumento da violência contra mulher nos anos de pandemia de covid-19
- Altercar a importância do corpo da mulher como posse dela mesma
- Articular sobre mutilação e deficiência

METODOLOGIA

A metodologia utilizada no presente artigo gira em torno da pesquisa bibliográfica, em livros, artigos, jornais e sites da internet que discutem agressões sofridas por mulheres.

REFERENCIAL TEÓRICO

1.0 MULHERES, PODER, MUTILAÇÃO E DEFICIÊNCIA

O termo violência contra a mulher surge nos anos 70, através do movimento feminista, a justificativa dos atos seria pelo fato de serem apenas mulheres, ou seja, estarem submissas ao homem. Saffioti (2004, p.17) dá ao termo o significado de que “[...] Trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral”.

Segundo a ONU, 7 em cada 10 mulheres no mundo, já foram ou serão violentadas em algum momento da vida. Patriarcado é um conjunto de relações sociais que tem uma base no qual há relações hierárquicas entre homens, e solidariedade entre eles, que os possibilitam a controlar as mulheres. Ou seja, o patriarcado nada mais é que o sistema masculino de opressão das mulheres.

O poder sobre o corpo da mulher, no entanto, tem sido alvo de diversas discussões no meio acadêmico nos últimos anos. A violência e as diversas formas de agressão causam indignação por parte de algumas e alienação por parte de outras, de forma que se leva a crer que a constituição sociohistórica da mulher na sociedade a deixa



num estado de vulnerabilidade socioemocional. Para Bernard (1985), é através do nosso corpo que expressamos o efeito e significados que as relações tiveram ou têm em nós. A nossa existência corporal está imbuída num contexto, relacional e cultural, sendo este o canal pelo qual as nossas relações são construídas e vivenciadas. Na verdade, quer queiramos, quer não, assistimos a um processo de exaustão do corpo na sociedade ocidental contemporânea, processo que envolve um mito supostamente libertador, mas que, na realidade, penetra e transforma a nossa experiência pessoal ao introduzir na nossa subjetividade o peso alheio dos imperativos sociais.

Hoje se vive a revolução do corpo, valores relativos à beleza, saúde, higiene, lazer, alimentação, exercício físico, têm reorientado um conjunto de comportamentos na sociedade, imprimindo um novo estilo de vida, mais aberto à diversidade por um lado, mas mais narcísico e no que diz respeito à experiência do corpo.

O corpo, algo tão palpável, concreto visível e ao mesmo tempo pode ser tão abstrato, subjetivo. Fonte de tantos prazeres, castigos e de tantos medos e vergonhas. É a casa em que habitamos por toda a vida e que carregamos como um “caracol” carrega sua casa nas costas, sem poder se livrar dele.
(LIMA e MENDES 2018)

É entendendo o corpo como dádiva e maldição que as relações se constroem a partir deste, como casa habitada por seu próprio dono surge em cada um o desejo de singularidade, bem como surgem os desejos de seguimento de padrões e a ambiguidade do singular e do perfeito se instaura no ser. Mas a perfeição existe? Ou a perfeição é uma máquina dirigida por forças e interesses externos os quais direcionam as pessoas a os consumos, onde a perfeição é tão inalcançável quanto possuir qualquer objeto tecnológico de última geração? Impulsionadas por uma competitividade onde o oponente é a própria morada, o próprio ser.

O corpo é posse, propriedade pública e privada. Percebe-se então, uma época de contradições, no que diz respeito às escolhas, uma vez que hoje não há uma obrigação das pessoas se vestirem de acordo com a classe social de que fazem parte, como ocorria em outras épocas, porém, a moda dita às regras, dita as tendências e aquilo que se deve escolher, aquilo considerado bonito e “perfeito”.

A perfeição tornou-se ainda mais exigente. As pessoas não são mais obrigadas a se vestir de acordo com sua classe social, mas o corpo parece ser colocado frente a novas classificações de perfeição. As pessoas, principalmente mulheres se defrontam com



outra obrigatoriedade, estampar-se conforme a mídia, nesse sentido o corpo feminino torna-se território do Capital. Um corpo “diferente” ou mutilado não se encaixa nos padrões do belo imposto pelas sociedades ao longo dos séculos o que influencia na forma como a pessoa se relaciona com o mundo, as pessoas os ambientes em que frequenta e por conseguinte com o trabalho e para CHAVEIRO e VASCONCELLOS (2016), o trabalho simboliza uma ponte para o mundo, as barreiras que a estética podem causar podem portanto simbolizar a não construção dessa ponte invisível.

O corpo é tanto produto quanto produtor das relações sociais e territoriais, assim o corpo é elemento que cria relações e é também espaço que está em constante movimento. Mondardo (2009), afirma que o corpo é criador das relações de poder e, a partir destas criam-se relações políticas o que sucessivamente gera recortes no espaço e assim constituem-se territórios, “ assim estes territórios de poder são, tanto o corpo que se torna território, como também a espacialização dos modos, das práticas cotidianas da vida dos sujeitos-corpos, que se tornam territórios” MONDARDO (2009, p-03). Para Federici (2004) os corpos ganham destaque, tanto enquanto sujeitos pela violência do capitalismo, como também enquanto generificados, racializados e descobertos.

A territorialização do corpo feminino bem como sua mercadorização, acontecem desde os primórdios da vida em sociedade, no entanto os movimentos atuais como feminismo visam desmascarar as centenas de anos em que as mulheres foram subjulgadas, visando a desmistificação do padrão de comportamento “recatado”, a sexualidade reprimida, a inteligência inferiorizada bem como as capacidades físicas. O cio da mulher, não como estado de excitação, mas o que Estes (1999), chama de intensa consciência sensorial onde inclui a sexualidade, sem limitar a ela. Essa territorialização maçante influi da vida cotidiana da mulher, em suas relações afetivas e em seu trabalho, no caso das mulheres mutiladas ou com deficiências físicas geradas por agressões físicas ou tentativas de feminicídio, tendem a encontrar dificuldades no mundo do trabalho. Para Rodrigues e Borges (2018) o trabalho se traduz não apenas como forma de sobrevivência, mas, com uma importância muito grande no âmbito da dignidade humana, isso porque permite o desenvolvimento de habilidades de produção dos indivíduos enquanto membros integrantes de uma sociedade concreta, territorialmente instituída

De acordo O Relógios da Violência do Instituto Maria da Penha (2017), a cada 7,2 segundos uma mulher é vítima de violência física no Brasil e em 2013 cerca de 13 mulheres morrem por dia vítimas de feminicídio no país, sendo que cerca de 30%



foram mortas por parceiros ou ex namorados, maridos, etc. E a presente pesquisa buscará descobrir o que acontece às que são/foram mutiladas em Goiânia e onde, estas se encontram em termos de cartografia existencial, como estão se relacionando socialmente após serem mutiladas/tornadas pessoas com deficiência.

2.0 O CORPO COMO TERRITÓRIO.

“ Triste, louca ou má, será qualificada ela a quem recusar” Francisco el ombre.

O território é o palco da proliferação do capital, espaço apropriado pelos agentes do capital através da divisão social do trabalho. Para Santos (1985), o território não se apresenta de forma definitiva e organizada do espaço, no entanto, há sinais que permitem acreditar que o território corresponde ao palco onde se realizam as atividades criadas a partir da herança cultural do povo que o ocupa, sendo também uma fração do espaço local, articulada ao mundial.

Diante do papel econômico de poder do território, o corpo também se territorializa como posse de seu portador, assim como ao longo de centenas de anos foi de posse do patriarca não apenas o seu corpo como o de sua conjuge. Mas o território como diz Milton Santos não se apresenta de forma definitiva, organizada, bem como o corpo, sofre influencia da sociedade e se modifica, expande sua abrangência ou retrocede. Sobe esse paradigma o corpo da mulher se organiza como território a ser dominado por esta e não mais por seu conjuge, pai, padrasto, irmão, padrinho ou qualquer outra figura masculina em sua vida.

Por outro lado, Michel Foucault (1979) reflete que os estudos sobre o corpo no interior das ciências sociais. Em seu trabalho, o saber é apontado como importante mecanismo de poder e forma de garantir o desenvolvimento da sociedade industrial. Ao cunhar o conceito de biopoder, definido como uma tecnologia disciplinadora que visava o controle utilitarista do corpo, buscando maximizar seus esforços e reduzi-lo à dimensão da economia política. Foucault revela que as tecnologias disciplinares tinham no corpo o foco do poder, tendo como principal finalidade o adestramento e a docilização dos indivíduos para extrair dos mesmos as forças necessárias aos interesses do capital. É o



corpo totalmente administrado, a serviço do bom funcionamento da grande engrenagem social.

Desta forma o corpo age como poder do capital e se constitui como território de poder e dominação. Nessa premissa o corpo da mulher no mundo contemporâneo tende a ser utilizado como vitrine de vendas/compras e está sujeito ao mercado externo, totalmente masculinizado. O que gera interferência é a construção da identidade por meio do corpo, pois para Featherstone (1992), é através do corpo, sua apresentação e forma, que o indivíduo apresenta os elementos a serem culturalmente decodificados para operarem como indicadores de poder social e prestígio, algo sobre seu universo cultural.

Foi preciso que o corpo fosse transformado em território de privilégios, possuidor de uma inteligência além do cérebro, transformando-se em barreira a ser vencida/vendida. Foi necessário transformar o corpo num território privilegiado de experimentações sensíveis, algo que possui uma certa inteligência que não se concentra apenas no cérebro. Foi preciso libertá-lo de tradições e moralismos seculares, fornecer-lhe um status de prestígio, um lugar radioso, como se ele fosse uma alma. Desde então foi fácil considerá-lo uma instigante fronteira a ser vencida, explorada e controlada. (PERROT, 2005.p-447)

Desde os primórdios o corpo foi e ainda é o primeiro território de construção das relações e assim de dominação e controle dos indivíduos, principalmente da mulher. Nessa premissa o presente trabalho visa compreender a forma como a utilização do corpo da mulher se dá contra esta, no sentido de violência física e psicológica e as sequelas que são deixadas na mesma principalmente no corpo físico bem como a importância do empoderamento feminino na luta da conquista de seus corpos como seus próprios territórios como sugere MACHADO E RATTIS 2016:

As mulheres, ao participarem de movimentos feministas, passam por processos de empoderamento que as fazem repensar a importância de estarem ocupando espaços que, até então, a seus corpos não eram permitidos ocupar. Assim, através de suas ações de apropriações do espaço urbano, elas constroem novas significações dos lugares

Compreender a construção dos espaços pelas mulheres mutiladas é um bom caminho em direção a tentativa de conquista de rédeas dessas mulheres para com suas vidas sua forma de se ler e se pertencer, pensar seus corpos e seu olhar ao mundo. Bem como interpretar a conhecer os problemas que essas mulheres perpassam na construção de sua estadia em sociedade é primordial para que se possa formular intervenções sociais que as ajude e ajude a sociedade a modificar padrões que levam a violência e ocasionam as mutilações.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Brasil registrou 648 feminicídios no primeiro semestre de 2020, 1,9% a mais que no mesmo período de 2019, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Além disso, do início da pandemia de covid-19 até o mês de agosto de 2021, o aumento de casos de violência doméstica aumentaram drasticamente, sendo tais notícias tratadas a nível nacional e mundial, os jornais brasileiros tem mostrado esse tipo de notícia, como demonstrado na junção de fotos a seguir, onde demonstra-se no enunciado de quatro jornais diferentes, sendo eles: Jornal online G1, Datafolha, Agencia Brasil e jornal tribuna do norte.

The collage consists of four news snippets:

- Top Left:** Screenshot from 'rádio Senado' with the headline 'Estudo revela aumento da violência contra a mulher durante a pandemia'. The text mentions a study by the Observatório da Mulher Contra a Violência showing an increase in crimes during the COVID-19 pandemic.
- Top Right:** Article titled 'Violência contra mulheres cresce em 20% das cidades durante a pandemia'. It is attributed to 'Pesquisa é da Confederação Nacional dos Municípios' and published on 13/08/2021. It includes a photo of a woman's hands raised against a wall.
- Bottom Left:** Article titled 'Violência contra a mulher aumenta durante pandemia no Brasil' published on 26/06/2021 by Cláudio Oliveira, a reporter. The text states that as people spend more time at home to avoid COVID-19, violence increases.
- Bottom Right:** Article titled 'Com restrições da pandemia, aumento da violência contra a mulher é fenômeno mundial' published on 23/11/2020 by AFP. It notes that Thursday (25) is the International Day for the Elimination of Violence against Women, and that the global situation is bleak. It includes a photo of a group of people.



De acordo com o FBSP, o aumento da violência contra mulher no período de pandemia, principalmente nos períodos de isolamento social bem restritivo e ou lockdowns, fez gerar um aumento no quadro de violência doméstica.

No Brasil, segundo a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), entre os dias 1º e 25 de março, mês da mulher, houve crescimento de 18% no número de denúncias registradas pelos serviços Disque 100 e Ligue 180⁸. No país, o necessário isolamento social para o enfrentamento à pandemia escancara uma dura realidade: apesar de chefiarem 28,9 milhões⁶ de famílias, as mulheres brasileiras não estão seguras nem mesmo em suas casas.

Dos 3.739 homicídios de mulheres em 2019 no Brasil, 1.314 (35%) foram categorizados como feminicídios. Isso equivale a dizer que, a cada sete horas, uma mulher é morta pelo fato de ser mulher. Ao analisar o aspecto vínculo com o autor, revela-se que 88,8% dos feminicídios foram praticados por companheiros ou ex-companheiros⁷. Assim, é comum que as mulheres estejam expostas ao perigo enquanto são obrigadas a se recolherem ao ambiente doméstico.

No isolamento, com maior frequência, as mulheres são vigiadas e impedidas de conversar com familiares e amigos, o que amplia a margem de ação para a manipulação psicológica.

O controle das finanças domésticas também se torna mais acirrado, com a presença mais próxima do homem em um ambiente que é mais comumente dominado pela mulher. A perspectiva da perda de poder masculino fere diretamente a figura do macho provedor, servindo de gatilho para comportamentos violentos.

A desigual divisão de tarefas domésticas, que sobrecarrega especialmente as mulheres casadas e com filhos, comprova como o ambiente do lar é mais uma esfera do exercício de poder masculino. Em grande número dos casos, a presença dos homens em casa não significa distribuição de tarefas, mas sim o aumento do trabalho invisível e não remunerado da mulher. Durante o isolamento social, seja em regime de *home office*, seja na busca pela manutenção de uma fonte de renda no trabalho informal, o trabalho doméstico não dá folga. E além disso, tende a aumentar tendo mais pessoas em casa em período integral.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nível global e não apenas no Brasil, durante a pandemia da COVID-19, ao mesmo tempo em que se observa o agravamento da violência contra a mulher, é reduzido e dificultoso o acesso a serviços de apoio às vítimas, principalmente nos setores de assistência social, justiça, saúde e segurança pública

Os serviços de saúde e segurança são geralmente os primeiros pontos de contato das vítimas de violências domésticas com a rede de apoio. E durante a pandemia, a redução na oferta de serviços vem junto com declínio na procura, isso porque as vítimas podem não buscar os serviços em função do medo do contágio e por estarem sendo vigiadas ou se sentindo coagidas a não denunciar.

Visando tornar menos dificultosas essas denúncias de violência doméstica e familiar, o MMFDH lançou plataformas digitais dos canais de atendimento da ONDH: o aplicativo Direitos Humanos BR e o *site* ouvidoria.mdh.gov.br, que também poderão ser acessados nos endereços disque100.mdh.gov.br e ligue180.mdh.gov.br. Por meio desses canais, vítimas, familiares, vizinhos, ou mesmo desconhecidos poderão enviar fotos, vídeos, áudios e outros tipos de documentos que registrem situações de violência doméstica e outras violações de direitos humanos.

No entanto, o enfrentamento à violência contra a mulher no contexto da pandemia não pode se deixar ser restrito ao acolhimento das denúncias. Esforços devem ser direcionados para o aumento das equipes nas linhas diretas de prevenção e resposta à violência, bem como para a ampla divulgação dos serviços disponíveis, a capacitação dos trabalhadores da saúde para identificar situações de risco, de modo a não reafirmar orientação para o isolamento doméstico nessas situações, e a expansão e o fortalecimento das redes de apoio, incluindo a garantia do funcionamento e ampliação do número de vagas nos abrigos para mulheres sobreviventes.

As redes não formais e virtuais de suporte social devem ser encorajadas, pois são meios que ajudam as mulheres a se sentirem conectadas e apoiadas e também servem



como um alerta para os agressores de que as mulheres não estão completamente isoladas. Em países como França e Espanha, as mulheres vítimas de violência têm buscado ajuda nas farmácias, usando palavras de código para informar sobre a situação de violência.

Entre os casos de mulheres agredidas e não mortas, existem as mulheres que foram mutiladas e se tornaram pessoas com deficiência física, as quais terão de reler o mundo a partir de seus corpos mutilados.

REFERÊNCIAS

Alves, B. M., & Pitanguy, J. (1991). *O que é feminismo?* (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense.

Bernard, M. (1985). *El cuerpo*. Barcelona: Paidós. (Edição original francesa publicada em 1976)

CHAVEIRO, Eguimar e VASCONCELLOS, Luíz. **PONTE AO MUNDO: INCERÇÕES ESPACIAIS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA**. <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/4519> Acessado em 15 de agosto de 2019.

Costa, L. C. A., & Mello, I. (1999). *História do Brasil*. São Paulo: Scipione.

FEATHERSTONE, Mike *The body: social process and cultural theory*. London, Sage, 1992.

Federici, Silvia. "Calibã e a bruxa." *São Paulo: Elefante* (2017).

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1. A vontade de saber*. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, v.1, 1990. 3v

Foucault, M. (2002). *Microfísica do poder* (17ª Edição). Rio de Janeiro: Ed. Graal. (Edição original de 1979)

ESTES, Clarissa. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. ROCCO. Rio de Janeiro. 1999.

LIMA e MENDES. **DE PERTO, NINGUÉM É...INTEIRO QUANDO A ARTE REVELA POTÊNCIA DO E NO CORPO (D)EFICIENTE** cap VI. **UMA PONTE AO MUNDO**. 2018.

MACHADO, Talita Cabral; RATTTS, Alecsandro J. P.. *As Mulheres e a Rua: Entre o Medo e as Apropriações Feministas da Cidade de Goiânia, Goiás*. *Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero*, v. 8, n. 1, p.194-213, 2017. ISSN 2177-2886.



MONDARDO, Marcos Leandro. "O Corpo enquanto "primeiro" território de dominação: O biopoder e a sociedade de controle." *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação* (2009).

Nóbrega, Terezinha Petrucia da. "Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty." *Estudos de Psicologia (Natal)* 13 (2008): 141-148.

RODRIGUES e BORGES, capítulo IV INCLUSÃO DE PROFISSIONAIS COM DEFICIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO: ENTRE A PINGUELA E A PONTE EM CONSTRUÇÃO. UMA PONTE AO MUNDO. 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. *Gênero, patriarcado, violência*. 1a ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. Ano 2004

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

Deverão apresentar apenas as referências utilizadas no texto. As referências, com todos os dados da obra citada, devem seguir as normas atuais e em vigor da ABNT.

Ao fazer citação direta no texto o autor deve indicar, entre parênteses, logo depois da referida citação, o nome do autor em letra maiúscula, o ano da publicação e a página em que se encontra a citação. Para citações com mais de 4 linhas, utilizar recuo de 4 cm, espaçamento simples e fonte tamanho 10. Nas referências colocar as informações completas das obras.